

Schubertiades



21 — 23 set 23

Schubertiades

Maria João Pires Piano

Gyula Stuller Violino

Lou Yung-Hsin Chang Viola

Antonio Meneses Violoncelo

Domingos Ribeiro Contrabaixo

Ignasi Cambra Piano

Ricardo Castro Piano

Lilit Grigoryan Piano

Júlio Resende Improvisações ao piano

Thomas Humphreys Barítono

Selma Uamusse Voz

Quatuor Hermès

Omer Bouchez Violino

Elise Liu Violino

Lou Yung-Hsin Chang Viola

Yan Levionnois Violoncelo

Laurie Chomel Bailarina

Lili Buvat Bailarina

João Saraiva Bailarino e Anjo

Judite da Silva Gameiro Cenografia e Encenação

Jean Jacques Sanchez Assistente de encenação

Cécile Treluyer Desenho de luz

Joana Cornelsen e **Siça Souza** Maquilhagem, Cabelos e Caraterização

Nádia Gama Assistente de Guarda-Roupa

“Aventure” Cão-Guia

Schubertiades

Em plena época romântica, quando a fé na transcendência da música animava a expressão literária, as célebres *Schubertiades* constituíram um testemunho comovente da vida musical, bem como um símbolo duradouro: de partilha e de convívio, porque eram ouvidas obras de todos os horizontes e fragmentos poéticos; de espontaneidade, porque eram organizadas num círculo informal onde se praticava a improvisação; de humildade, de profundidade e de experimentação. Aqui tocamos no “mistério Schubert”, esse compositor que não viu a maior parte das suas obras serem publicadas em vida, mas que permanece, sem dúvida, para a posteridade, como aquele cuja arte penetra o mais profundamente as consciências e os corações. A inefável ternura, a inesgotável prodigalidade melódica, a intuição do fantástico e dos mistérios do espírito, a exploração dos abismos e da dor da sua sublimação poética: este é o legado de Schubert, ainda mais intenso porque nunca procura constituir-se como lição e porque se

apresenta como um “Dankgesang”, uma ação de graças, uma homenagem à própria música. Num espírito afastado de qualquer reconstrução, os artistas reunidos em torno de Maria João Pires quiseram interrogar a *dívida* espiritual do mundo para com Schubert e, ao mesmo tempo, demonstrar a profunda vitalidade da sua arte. Aquele que os seus amigos por vezes apelidavam de “Schwammerl”, “o pequeno cogumelo”, constitui não só um património inesgotável, mas também um elemento estimulante que ressoa em todas as culturas. As práticas populares, o jazz, a música contemporânea, a linguagem corporal: toda uma diversidade de “respostas” possíveis ao magnetismo schubertiano percorrem essas livres explorações musicais no cenário sóbrio de luz e sombra desenhado por Judite da Silva Gameiro. Tantas homenagens fraternas a “Franz”, que juntas testemunham a sua universalidade: uma música intemporal e para os nossos tempos.

FRÉDÉRIC SOUNAC

Schubertiade #1	p. 4
Schubertiade #2	p. 10
Schubertiade #3	p. 16
Schubertiade #4	p. 22
Notas biográficas	p. 30

21 set 23 QUINTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Schubertiade #1

Franz Schubert (1797-1828)

Klavierstück, em Mi bemol menor,
D. 946 n.º1

Ignasi Cambra Piano

Der Tod und das Mädchen, D. 531

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Die Krähe (de *Winterreise*, D. 911)

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Das Wirtshaus (de *Winterreise*, D. 911)

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Dai Fujikura (n. 1977)

Deconstructing Franz

Obra inspirada no Quarteto para Cordas em
Ré menor, *Der Tod und das Mädchen*, de Schubert

Quatuor Hermès

Franz Schubert

Quarteto para Cordas em Ré menor,
D. 810, *Der Tod und das Mädchen*

Quatuor Hermès

1. *Allegro*
2. *Andante con moto*
3. *Scherzo: Allegro molto*
4. *Presto*

Improvisação

Júlio Resende Piano

Franz Schubert

Sonata para Piano
em Si bemol maior, D. 960

Maria João Pires Piano

1. *Molto moderato*
2. *Andante sostenuto*
3. *Scherzo: Allegro vivace con delicatezza*
4. *Allegro ma non troppo*

Nacht und Träume, D. 827

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

INTERVALO

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 30 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Schubertiade #1

Der Tod und das Mädchen, “A Morte e a Donzela” é, antes de mais, um *Lied* que Schubert compôs em 1817 sobre um texto de Matthias Claudius, no qual a morte convida uma adolescente assustada a adormecer tranquilamente nos seus braços. Essa acentuação pietista, que faz lembrar um pouco o coral “Komm süsßer Tod” (“Vem, doce morte!”) de Bach, mas que faz evidentemente pensar, num mundo mais dramático, no pesadelo goethiano do *Rei dos Elfos*, lembra-nos a espantosa familiaridade de Schubert com a morte. Aquele que não viveria mais do que trinta e dois anos, numa contínua e febril criatividade, parece ter desenvolvido muito cedo uma relação íntima com a questão da finitude, entre revolta do corpo e aceitação filosófica. Até às últimas notas de *Viagem de Inverno*, a morte é um espectro que espera o viajante, destruindo toda a esperança, mas também uma figura consoladora, cuja chegada inevitável dá à existência o seu significado e beleza. Motivo *Sturm und Drang* certamente, mas do qual Schubert foi capaz de extrair a quintessência: por vezes dramática, comovente, decantada por uma sabedoria que parece vir do além, nunca macabra, a sua música não oferece apenas uma expressão da morte, mas sim um pensamento sobre a morte, cuja primeira virtude, meditando sobre a condição humana, é para nos ajudar a viver.

É em torno de duas partituras principais que é constituída esta primeira *Schubertiade*. Em primeiro lugar, o Quarteto para Cordas D. 810, “A Morte e a Donzela” (1824), no qual o compositor

faz explodir as potencialidades do seu *Lied* de 1817, compondo uma das páginas mais dramáticas da música romântica. Luta feroz pela vida, o primeiro andamento é um protesto veemente, que em seguida apazigua as variações tecidas em torno do *Lied*, antes da ironia mordaz do *Scherzo* e do frenesi do *Finale*: o espírito de tarantela que traduz o poder da gadanha, mas que a conjura também na dança. Universal e magnético, este quarteto de Schubert inspirou o compositor japonês Dai Fujikura a escrever a peça intitulada *Deconstructing Franz* (2006), que deve ser compreendida como uma homenagem e uma variação crítica: fragmentos do coral schubertiano aparecem na explosão das formas e na inventividade sonora, numa “desconstrução” do material musical que equivale a uma meditação musical sobre a figura de Schubert. “O jovem Franz e a morte”: essa poderia ser a fórmula de acompanhamento desta abordagem apaixonante, na qual é ilustrada a vitalidade eterna da arte schubertiana.

Outra obra essencial, a última Sonata para Piano, D. 960, é uma das mais profundas partituras da história da música. O trilo cavernoso que quebra a beleza da melodia, desde o início, lembra-nos que estamos a chegar ao fim da viagem, e que a expressão da alegria, que não falta nesta obra de amplitude romanesca, inclui a memória de uma tragédia superada. Alegre, o *Scherzo* traz-nos os momentos simples e naturais da infância, enquanto o *Rondo* conclusivo, apesar da sua complexidade, parece fluir naturalmente. O momento-chave da partitura, entretanto,

é o perturbador *Andante sostenuto*, ou a expressão schubertiana que, sem cair no lamento choroso, parece fazer o luto da vida terrena. Prodigiosamente expressivo, sobre um desenho obstinado de baixo que encadeia na reprise com dolorosas semicolcheias, a música sobe e modula, como se buscasse o lugar de uma dor inexprimível. Se a parte central recorda, por instantes, a ternura de certos *Momentos musicais*, a conclusão, com uma modulação a Dó maior, leva-nos além do mundo sensível: ao ponto onde o *fatum*, extenuado pela música, se dissolve na aceitação.

Mors certa, hora incerta: “a morte é certa, a hora é incerta”. Se esta fórmula encerra, talvez, o elemento trágico da condição humana, a arte é um dos artifícios supremos para frustrar, certamente, não a própria morte, mas o poder das nossas vidas. A escolha de consagrar esta primeira *Schubertiade* a algumas das obras mais dolorosas de Schubert não é mais do que uma celebração da expressão artística e da urgência vital, percebida desde a *Klavierstück* n.º 1, notável pelo caráter eminentemente dramático e febril do seu tema em oitavas. Peça de concepção

ampla, recomposta várias vezes, apresenta na sua secção central uma melodia em terceiras, cuja doçura, porém, não tarda a cobrir-se de nuvens ameaçadoras, antes de retornar ao tema inicial. O desanuviamento proporcionado pela transposição para o modo maior é uma mera ilusão: como muitas vezes acontece com Schubert, o modo maior, ao despojar o drama de uma convenção, revela-se mais pálido e ainda mais desesperante do que o modo menor.

E que dizer do *Lied*? O mais natural veículo do génio schubertiano assume por vezes aparência de “ópera miniatura” para explorar os mistérios da noite e da *psyché*: assim é *Die Krähe*, a sinistra gralha da *Viagem de Inverno*, ave de funesto augúrio, enquanto que a estalagem (*Das Wirtshaus*), não oferece senão um refúgio ilusório. Um mundo em claro-escuro, traduzido pela poesia dos corpos em movimento e pelas improvisações de Júlio Resende, entre alegria e dor, mas sempre numa homenagem desesperada, urgente, ao sentimento de existência.

FRÉDÉRIC SOUNAC

Franz Schubert

Der Tod und das Mädchen

Matthias Claudius

Das Mädchen:

«Vorüber! ach, vorüber!
Geh, wilder Knochenmann!
Ich bin noch jung, geh, Lieber!
Und rühre mich nicht an.»

Der Tod:

«Gib deine Hand, du schön und zart Gebild!
Bin Freund und komme nicht zu strafen.
Sei guten Muts! Ich bin nicht wild,
Sollst sanft in meinen Armen schlafen.»

Die Krähe

Wilhelm Müller

Eine Krähe war mit mir
Aus der Stadt gezogen,
Ist bis heute für und für
Um mein Haupt geflogen.

Krähe, wunderliches Tier,
Willst mich nicht verlassen?
Meinst wohl, bald als Beute hier
Meinen Leib zu fassen?

Nun, es wird nicht weit mehr geh'n
An dem Wanderstabe.
Krähe, laß mich endlich seh'n,
Treue bis zum Grabe!

A Morte e a Donzela

A Donzela:

“Acabou! ah, acabou!
Vai-te embora, esqueleto malvado!
Ainda sou jovem, vá, meu caro!
E não te chegues a mim.”

A Morte:

“Dá-me a tua mão, criatura bela e delicada!
Sou teu amigo e não venho castigar-te.
Anima-te! Eu não sou malvado,
Vais dormir suavemente nos meus braços!”

A Gralha

Uma gralha veio comigo
Quando saí da cidade,
Andou até hoje, sem parar
Voando em redor da minha cabeça.

Gralha, estranho animal,
Não me queres abandonar?
Julgas que, em breve, como duma presa
Te apoderarás do meu corpo?

Bem, não poderei continuar por muito tempo
Com o meu bordão de peregrino.
Gralha, deixa-me ver finalmente,
A fidelidade até ao túmulo.

Das Wirtshaus

Wilhelm Müller

Auf einen Totenacker hat mich
mein Weg gebracht;
Allhier will ich einkehren,
hab' ich bei mir gedacht.
Ihr grünen Totenkränze könnt
wohl die Zeichen sein,
Die müde Wand'rer laden
ins kühle Wirtshaus ein.

Sind denn in diesem
Hause die Kammern all' besetzt?
Bin matt zum Niedersinken,
bin tödlich schwer verletzt.
O unbarmherzige Schenke,
doch weisest du mich ab?
Nun weiter denn, nur weiter,
mein treuer Wanderstab!

Nacht und Träume

Matthäus Kasimir von Collin

Heil'ge Nacht, du sinkest nieder;
Nieder wallen auch die Träume,
Wie dein Mondlicht durch die Räume,
Durch der Menschen stille Brust.
Die belauschen sie mit Lust;
Rufen, wenn der Tag erwacht:
Kehre wieder, heil'ge Nacht!
Holde Träume, kehret wieder!

A Estalagem

Foi até um cemitério
que o meu caminho me trouxe.
É aqui que quero morar,
pensei para comigo.
Estas coroas mortuárias verdes
podiam bem ser o sinal,
Que convida o viandante cansado
a entrar na fresca estalagem.

Estão então nesta casa
os quartos todos ocupados?
Estou cansado, quase a desmaiar,
estou ferido de morte.
Ó impiedosa estalagem,
não me queres então acolher?
Vamos em frente, sempre em frente
meu fiel bordão de viandante.

Noite e Sonhos

Noite santa, tu estás a descer;
Também os sonhos flutuam descendentes,
Com a tua luz lunar, através do espaço,
Através dos corações silenciosos dos homens,
Eles escutam deliciados.
Chamam, ao despertar do dia:
Regressa, noite santa!
Encantadores sonhos, retornem!

22 set 23 SEXTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Schubertiade #2

Franz Schubert (1797-1828)

Marches Militaires, D. 733 n.º 1 e n.º 2

Ignasi Cambra Piano

Lilit Grigoryan Piano

Klavierstück em Mi bemol maior,
D. 946 n.º 2

Maria João Pires Piano

Frühlingsglaube, D. 686

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Wanderers Nachtlied II, D. 768

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Nachtstück, D. 672

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Improvisação

Selma Uamusse Voz

Júlio Resende Piano

Franz Schubert

Ständchen (de *Schwanengesang*, D. 957)

Selma Uamusse Voz

Fantasia em Fá menor, D. 940

Ricardo Castro Piano

Maria João Pires Piano

1. *Allegro molto moderato*

2. *Largo*

3. *Allegro vivace*

4. *Tempo primo*

INTERVALO

Improvisação sobre
o Trio D. 929 de Schubert

Júlio Resende Piano

Franz Schubert

Trio para Piano e Cordas n.º 2,
em Mi bemol maior, D. 929

Ricardo Castro Piano

Gyula Stuller Violino

Antonio Meneses Violoncelo

1. *Allegro*

2. *Andante con moto*

3. *Scherzando*

4. *Allegro moderato*

An die Musik, D. 547

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 40 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Schubertiade #2

Para este segundo encontro das *Schubertiades*, Maria João Pires e os artistas que a rodeiam prosseguem a sua exploração das grandes partituras de Schubert, procurando, sem qualquer intenção de reconstituição antiquária, perpetuar o espírito de uma música viva e partilhada: um momento em que as fronteiras entre o concerto público e a “música doméstica” se misturam de uma forma espontaneamente experimental. E o que melhor pode simbolizar isso do que partilhar o teclado? Muitas vezes negligenciada pelas salas de concerto, mas também, por vezes, pelos compositores, a prática a quatro mãos exige uma partilha do “espaço vital” pianístico, do som, da expressão, pressupondo uma mistura delicada de autocontrolo e de entrega aos ímpetus do parceiro. Com a Fantasia D. 940, Schubert ofereceu ao repertório a quatro mãos uma das suas obras-primas absolutas, voltando, no mesmo ano da sua morte, a esta forma singular da Fantasia (pense-se na *Wanderer-Fantasie*, D. 760) que apreciava particularmente pela liberdade que esta simboliza. Dedicada à princesa Caroline Esterhazy, esta Fantasia em Fá menor pode ser interpretada como um gesto de sublimação de um amor impossível, ou, em termos mais gerais, como uma ode à amizade. Perfeitamente coerente, o seu plano em quatro secções encadeadas gere ambientes contrastados, que vão do recitativo frenético ao Trio simples e idílico, sem negligenciar o tom heroico: o segundo tema possui, assim, um carácter imperioso que encontramos, conquistador, no *fugato* do *Finale*.

No entanto, como acontece muitas vezes com Schubert, uma ideia domina entre todas, envolvendo toda a partitura numa aura eternamente singular. Aqui, é a melodia introdutória de uma indescritível nostalgia, uma espécie de marcha pungente cujo aspeto patético nunca mancha a dignidade exemplar: um tema de uma profundidade que assombra o ouvinte até ao seu regresso na entrada do *Finale*, dissolvendo-se numa coda onde as dissonâncias, que tardando a desaparecer, tentam prolongar, até ao último suspiro, uma obra marcada por um toque de génio.

Em torno desta partitura-farol, as *Marchas Militares*, a primeira das quais é de longe a mais conhecida, dão um outro rosto ao piano a quatro mãos. Obras com vocação educativa, testemunham, ao contrário da visão de um Schubert meditativo ou dolorista, uma alacridade cheia de vigor. Mais ampla e dramática é a *Klavierstück* n.º 2 (1828) que adota a forma do rondó com duas estrofes. O refrão, como um tema requintado de *Ländler*, apresenta delicadas dissonâncias, que comentam uma primeira estrofe com notas ameaçadoras, cheia de ondulação e bramidos, e uma segunda na forma de um longo queixume desvaireado, apoiada por baterias de acordes. A expressão, aqui, é ofegante, como pode ser em alguns *Impromptus* e nos muitos *Lieder*, evocando, sem jamais renunciar ao hedonismo melódico, o inevitável curso do tempo e as vicissitudes da existência.

Se admitirmos que só existe verdadeiro “património” na recusa da paralisação

e na aceitação do risco da interpretação, podemos então confiar na capacidade das obras-primas de infundir muito além do seu tempo e mesmo do seu campo de expressão. É por esse motivo que estas *Schubertiades*, na continuidade de vários espetáculos propostos por Maria João Pires, são também eventos cênicos e visuais, nos quais a expressão corporal, criadora de imagens, se esforça por simbolizar a música, e que podem ser recebidos – sem impor um sentido unívoco à sequência de obras – como um recital. Os *Lieder* incluídos em cada uma das *Schubertiades*, oferecem-nos fragmentos como os elementos de uma paisagem interior que cada um é livre de recompor de acordo com a sua sensibilidade: o milagre da perfeita coincidência entre a música e o texto, que possui um sentido objetivo, é colocado ao serviço, sem se dissolver, da subjetividade. Ouçamos o misterioso *Nachtstück*, por onde passam visões dignas de Hoffmann, e o piedoso *An die Musik*, homenagem de um artista – mas também de um artesão – à “arte sacra” que justificou a sua existência terrena.

Um dos prodígios da arte de Schubert, no entanto, é ter transposto esse “segredo do *Lied*” para obras maiores. Assim os

dois grandes Trios para Piano e Cordas, compostos por um único *élan* em 1827, e nos quais o músico, em plena maturidade, floresce, sem qualquer conflito, na forma-sonata. Não é de estranhar que o Trio em Mi bemol maior, op.100 (D. 929), exerça um fascínio indestrutível sobre os ouvintes e tenha enfeitado cineastas, incluindo Stanley Kubrick de *Barry Lyndon*. Entre o hedonismo melódico do espírito vienense e o queixume dilacerante, um acesso de vigor marcial e uma nostalgia inefável, exprime, ao longo dos seus quatro andamentos, uma prodigiosa e variada paleta de sentimentos. Robert Schumann, que o admirava, tentou descrever a sua profusão poética, incluindo a explosão da gramática musical no incrível *Finale*, que demonstra a liberdade interior que Schubert tinha alcançado. É impossível esquecer o *Andante*, cujo tema elegíaco, elevando-se numa escansão hipnótica e despojada, seria inspirado por um *Lied* sueco intitulado *O Sol desaparece atrás dos cumes*. Uma obra-prima, seguramente, e uma das páginas mais fascinantes do repertório de música de câmara.

FRÉDÉRIC SOUNAC

Franz Schubert

Frühlingsglaube

Johann Ludwig Uhland

Die linden Lüfte sind erwacht,
Sie säuseln und wehen Tag und Nacht,
Sie schaffen an allen Enden.

O frischer Duft, o neuer Klang!
Nun, armes Herze, sei nicht bang!
Nun muß sich alles, alles wenden.

Die Welt wird schöner mit jedem Tag,
Man weiß nicht, was noch werden mag,
Das Blühen will nicht enden;

Es blüht das fernste, tiefste Tal:
Nun, armes Herz, vergiß der Qual!
Nun muß sich alles, alles wenden.

Wanderers Nachtlied II

Johann Wolfgang von Goethe

Über allen Gipfeln
Ist Ruh,
In allen Wipfeln
Spürest du
Kaum einen Hauch;
Die Vögelein schweigen im Walde.
Warte nur, balde
Ruhest du auch.

Fé de Primavera

As doces brisas despertaram,
Sopram, tecem dia e noite,
A novidade das coisas.

Ó, fresco cheiro, ó novo som!
Não te atormentes, coração!
É hora de tudo mudar.

Dia após dia embeleza-se o mundo;
Quem sabe ao que chegará,
Ao renovar-se sem fim;

O mais profundo dos vales.
Esquece a tua dor, coração!
É hora de tudo mudar.

Canto Noturno do Viajante II

Sobre todos os cumes
reina a paz;
Em todas as copas das árvores
mal sentes
um sopro de vento.
Na floresta as aves calam-se.
Espera, em breve
também tu repousarás.

Nachtstück

Johann Baptist Mayrhofer

Wenn über Berge sich der Nebel breitet
Und Luna mit Gewölken kämpft,
So nimmt der Alte seine Harfe, und schreitet
Und singt waldeinwärts und gedämpft:
„Du heilige Nacht:
Bald ist's vollbracht,
Bald schlaf ich ihn, den langen Schummer,
Der mich erlöst von allem Kummer.“

Die grünen Bäume rauschen dann:
„Schlaf süß, du guter, alter Mann“;
Die Gräser lispeln wankend fort:
„Wir decken seinen Ruheort“;
Und mancher liebe Vogel ruft:
„O lass ihn ruhn in Rasengruft!“

Der Alte horcht, der Alte schweigt,
Der Tod hat sich zu ihm geneigt.

An die Musik

Franz von Schober

Du holde Kunst, in wie viel grauen Stunden,
Wo mich des Lebens wilder Kreis umstrickt,
Hast du mein Herz zu warmer Lieb' entzunden,
Hast mich in eine bessere Welt entrückt!

Oft hat ein Seufzer, deiner Harf' entlossen,
Ein süßer, heiliger Akkord von dir
Den Himmel besserer Zeiten mir erschlossen,
Du holde Kunst, ich danke dir dafür!

Peça Noturna

Quando sobre as montanhas a bruma se estende
E a Lua com as nuvens luta,
Pega o velho na sua harpa e caminha,
Pela floresta cantando em voz baixa:
“Ó noite sagrada!
Em breve chegará a hora
Em breve eu dormirei o longo sono
Que me livrará de toda a dor.”

As verdes árvores então murmuram,
“Dorme em paz, bom velho homem”;
As ervas, agitando-se, sussurram,
“Nós cobriremos o lugar do seu repouso”;
E as aves cantam ternamente,
“Que ele descanse em paz sob a relva!”

O velho escuta, o velho cala-se,
A morte inclinou-se perante ele.

À Música

Tu graciosa arte, em quantas horas cinzentas
Em que o selvagem círculo da vida me cerca,
Inflamaste o meu coração para um novo amor,
Desviaste-me para um mundo melhor!

Muitas vezes um suspiro se escapou da tua harpa,
Um doce, sagrado acorde de ti,
O céu de melhores tempos me abriu,
Tu graciosa arte, eu te agradeço por isso.

23 set 23 SÁBADO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

Schubertiade #3

Franz Schubert (1797-1828)

Der Wanderer, D. 489

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Wanderers Nachtlied I, D. 224

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Wehmut, D. 772

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Impromptu em Dó menor, D. 899 n.º 1

Ignasi Cambra Piano

Improvisação

Júlio Resende Piano

Franz Schubert

Impromptu em Sol bemol maior,
D. 899 n.º 3

Ignasi Cambra Piano

Sonata para Arpeggione,
em Lá menor, D. 821

Antonio Meneses Violoncelo

Maria João Pires Piano

1. *Allegro moderato*

2. *Adagio*

3. *Allegretto*

Franz Schubert / Franz Liszt

Transcrições de *Lieder*, para piano

Lilit Grigoryan Piano

Der Müller und der Bach (D. 795)

Gretchen am Spinnrade (D. 118)

Aufenthalt (D. 957)

Rastlose Liebe (D. 138)

Franz Schubert

Aufenthalt (de *Schwanengesang*, D. 957)

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Auf dem Wasser zu singen, D. 774

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 30 min.

CONCERTO SEM INTERVALO

Schubertiade #3

Para esta terceira parte das *Schubertiades*, os artistas reunidos em torno de Maria João Pires escolheram destacar uma das partituras mais graciosas e populares de Schubert: a Sonata D. 821, conhecida como “Arpeggione”. Inédita durante a vida do compositor, foi escrita em novembro de 1824 e, por conseguinte, contemporânea do quarteto *A Morte e a Donzela*, colocado por sua vez no coração da primeira *Schubertiade*. Se o contraste parece, à primeira vista, surpreendente entre as duas obras, é importante permanecer sensível, como aliás a cenografia de Judite da Silva Gameiro convida a fazer, aos jogos subtis de sombra e luz. Pois nada é unívoco em Schubert: tal como o quarteto dramático soube abrir espaço à energia vital, a sonata afável não está isenta, apesar da sua verve melódica, da melancolia indizível que conduziria à *Viagem de inverno*.

Muito provavelmente, a obra foi encomendada a Schubert pelo seu amigo, o guitarrista Vincenz Schuster, que tinha desenvolvido uma paixão por um novo instrumento, inventado pelo *luthier* vienense Johann Goeorg Stauffer. O arpeggione, por vezes chamado de “guitarra-violoncelo” ou “guitarra do amor”, era um instrumento de seis cordas, tocado com um arco e afinado como uma guitarra. Apesar da sonoridade doce e cativante, bem como dos famosos grandes arpejos a que deve o seu nome, o instrumento não despertou muito interesse devido à sua extrema dificuldade: não tendo um espigão, tinha de ser segurado entre os joelhos, o que tornava extremamente difícil dominar seis

cordas com a ajuda do arco. Com algumas adaptações, é, portanto, o repertório do violoncelo (e, mais raramente, da viola) que é finalmente enriquecido pela obra-prima de Schubert. O primeiro andamento, *Allegro moderato*, abre com uma melodia de um charme inigualável, que por si só faz a glória da obra. Mais poderosa que a do arpeggione, a sonoridade do violoncelo pode acusar o lirismo, que, oscilando entre serenidade e inquietação, não deixa de se traduzir em comentários caprichosos. Um segundo tema, mais alegre e impetuoso, permite um jogo de perguntas e respostas, cujo dinamismo, como muitas vezes vemos em Schubert, parece conter um drama secreto. Sorrisos rápidos no modo maior e baixos recitativos do violoncelo compõem a recapitulação, antes que o tema reapareça em toda a sua eloquente nobreza. O segundo andamento, *Adagio*, é uma página com lirismo interiorizado, cuja doçura meditativa procede de um caráter quase hínico. Notas repetidas ao piano, misturadas com dissonâncias, reforçam essa dimensão meditativa, assim como a transição do violoncelo, com um ar quase improvisado, que conduz ao *Finale*. Este, um *Allegretto* mais divertido, é um rondó cujo refrão é ainda um tema admirável de *Lied*, enquanto as estrofes realçam com júbilo popular o jogo brilhante entre os dois instrumentistas. A alma de um canto simples engastada na mais requintada escrita: tal é, talvez, com a memória de um timbre perdido, o sol velado do Arpeggione.

Na era romântica, a celebração do canto do rouxinol, livre, desinteressado, virtuoso

sem ter disso consciência, é um dos principais temas poéticos. Ora, se existe uma área em que o maná de Schubert foi derramado de forma incomensurável foi a do *Kunstlied*, entre o prodígio da delicadeza da composição e a espontaneidade popular. *Der Wanderer* convoca a imagem, obsessiva em Schubert, da viagem que é ao mesmo tempo iniciática e interior, mas também ouviremos *Auf dem Wasser zu singen*, um milagre de fluidez e de suave simbolização da vida pelo curso cintilante de um riacho. O soberbo *Impromptu* D. 899 n.º 1 transforma também um tema de *Lied*, com ritmo marcado numa verdadeira balada lírica: subjugado por uma segunda ideia mais suave, carrega-se depois de nuvens e bramidos, desequilibra-se, desencana-se, antes do discurso terminar na consolação de uma serenidade readquirida. Da mesma coleção, o *Impromptu* n.º 3 oferece um dos momentos mais puros de poesia do repertório pianístico, com a sua temática indizivelmente suave, nascida da bruma dos arpejos.

Grande admirador de Schubert, Liszt nunca deixou de lançar a si mesmo o desafio de capturar, apenas no espaço pianístico, toda a feitiçaria do *Lied*: um misto de

piedade respeitosa e audácia técnica, as suas transcrições são um verdadeiro laboratório expressivo, constituindo, ao mesmo tempo, a melhor demonstração possível das infinitas potencialidades da arte de Schubert. Transcrever é simultaneamente traduzir e inventar, dotar a ideia inicial de um cenário que a amplia e a transfigura, projetando-a numa forma de presente eterno. Entre os quatro *Lieder* interpretados, o inaugural *Gretchen am Spinnrade*, composto por um Schubert de dezassete anos, fará ressoar apenas no piano o eco das loucuras de Fausto e a intensidade da paixão amorosa.

Sob o signo de um instrumento fantasma, o arpeggione, esta terceira Schubertiade é iluminada, como a primeira, pelas improvisações de Júlio Resende, que se apodera da plasticidade dos temas schubertianos para dar asas a um imaginário povoado por momentos suspensos e visões fugazes. A viagem da existência, como lembra o desconcertante *Wehmut*, realiza-se entre alegria e tristeza, serenidade e inquietação: “Quando caminho pelos bosques e pelos campos, sinto-me tão feliz e, no entanto, tão triste...”

FRÉDÉRIC SOUNAC

Franz Schubert

Der Wanderer

Georg Philipp Schmidt von Lübeck

Ich komme vom Gebirge her,
Es dampft das Tal, es braust das Meer.
Ich wandle still, bin wenig froh,
Und immer fragt der Seufzer, wo?

Die Sonne dünkt mich hier so kalt,
Die Blüte welk, das Leben alt,
Und was sie reden, leerer Schall;
Ich bin ein Fremdling überall.

Wo bist du, mein geliebtes Land?
Gesucht, geahnt, und nie gekannt!
Das Land, das Land so hoffnungsgrün,
Das Land, wo meine Rosen blühn.

Wo meine Freunde wandelnd gehn,
Wo meine Toten auferstehn,
Das Land, das meine Sprache spricht,
O Land, wo bist du?

Ich wandle still, bin wenig froh,
Und immer fragt der Seufzer, wo?
Im Geisterhauch tönt's mir zurück:
»Dort, wo du nicht bist, dort ist das Glück.«

Wanderers Nachtlied I

Johann Wolfgang von Goethe

Der du von dem Himmel bist,
Alles Leid und Schmerzen stillst,
Den, der doppelt elend ist,
Doppelt mit Entzückung füllst,
Ach ich bin des Treibens müde!
Was soll all der Schmerz und Lust?
Süßer Friede,
Komm, ach komm in meine Brust!

O Viajante

Eu venho das montanhas,
No vale há névoas, as águas ressoam.
Eu sigo em silêncio, pouco contente,
E em mim um suspiro pergunta: Aonde?

O sol aqui parece-me frio,
As flores murchas, a vida acabada,
E toda a fala, um eco vazio;
Sou um estranho onde quer que vá.

Onde ficas, ó terra amada?
Busco-te, intuo-te e não te encontro!
Terra do verde da esperança,
Terra que dá vida às minhas rosas.

Terra que acolhe os meus amigos,
Que ressuscita os meus mortos,
Terra que fala a minha língua,
Ó terra, onde estás tu?

Eu sigo em silêncio, pouco contente,
E em mim um suspiro pergunta: Aonde?
A voz dos espíritos dá-me a resposta:
“É onde tu não estás que a felicidade reside!”

Canto Noturno do Viajante I

Ó tu que tens morada no céu,
E assistes às nossas dores e tormentos,
Àquele que é duplamente desgraçado,
Enche-me de encantos a dobrar.
Ah! Como estou cansado de lutar!
Para quê todas as dores e alegrias?
Doce paz,
Vem, ah, vem e desce sobre o meu peito!

Wehmut

Matthäus Kasimir von Collin

Wenn ich durch Wald und Fluren geh',
Es wird mir dann so wohl und weh
In unruhvoller Brust.
So wohl, so weh, wenn ich die Au
In ihrer Schönheit Fülle schau',
Und all die Frühlingslust.

Denn was im Winde tönend weht,
Was aufgetürmt gen Himmel steht,
Und auch der Mensch, so hold vertraut
Mit all der Schönheit, die er schaut,
Entschwindet, und vergeht.

Aufenthalt

Ludwig Rellstab

Rauschender Strom, brausender Wald,
Starrender Fels mein Aufenthalt.
Wie sich die Welle an Welle reiht,
Fließen die Tränen mir ewig erneut.

Hoch in den Kronen wogend sich's regt,
So unaufhörlich mein Herze schlägt,
Und wie des Felsen uraltes Erz,
Ewig derselbe bleibet mein Schmerz.

Melancolia

Quando passeio entre os bosques e campos,
Sinto-me tão bem e, porém, tão melancólico
No meu agitado coração.
Tão feliz e tão triste, quando contemplo
Os prados e a sua beleza plena,
E toda a alegria da primavera.

Porque tudo o que sopra e ecoa no vento,
Elevando-se ao encontro do céu,
E também o homem, tão intimamente
Com toda a beleza que vê,
Tudo desaparecerá e morrerá.

Paragem

Rio sussurrante, floresta que ruge,
Rochedo imóvel onde parei.
Tal como a onda se encadeia na onda,
Assim me correm as lágrimas
eternamente renovadas.

No cimo das árvores ondulam as folhas,
Tal como o meu coração bate sem parar,
E como o minério primitivo da rocha,
Assim a minha dor permanece sempre igual.

Auf dem Wasser zu singen

Friedrich Leopold

Mitten im Schimmer der spiegelnden Wellen
Gleitet, wie Schwäne, der wankende Kahn;
Ach, auf der Freude sanftschimmernden Wellen
Gleitet die Seele dahin wie der Kahn;
Denn von dem Himmel herab auf die Wellen
Tanzet das Abendrot rund um den Kahn.

Über den Wipfeln des westlichen Haines
Winket uns freundlich der rötliche Schein;
Unter den Zweigen des östlichen Haines
Säuselt der Kalmus im rötlichen Schein;
Freude des Himmels und Ruhe des Haines
Atmet die Seel im errötenden Schein.

Ach, es entschwindet mit tauigem Flügel
Mir auf den wiegenden Wellen die Zeit;
Morgen entschwinde mit schimmerndem Flügel
Wieder wie gestern und heute die Zeit,
Bis ich auf höherem strahlendem Flügel
Selber entschwinde der wechselnden Zeit.

Para cantar às águas

No meio da luz, no espelho das águas,
Desliza, qual cisne, a barca ondulante;
No balanço suave das vagas do júbilo
A alma desliza, vai indo, qual barca.
Do céu vai caindo a espiral do crepúsculo
Envolvendo as ondas, abraçando a barca.

Por sobre as copas do bosque a Oeste,
O aceno amigo do fulgor dourado;
Por sob os ramos do bosque a Este,
Ondulam os juncos no fulgor dourado;
A alegria dos céus e a calma dos bosques,
Respira-as a alma no fulgor dourado.

O tempo tem asas cobertas de orvalho,
E passa suave, embalando as ondas.
Amanhã passará, com asas brilhantes,
Como ontem e hoje também já passou,
E um dia eu próprio, levado por elas,
Passarei além das mudanças do tempo.

Traduções de José Ribeiro da Fonte (*Der Wanderer*), Maria Fernanda Cidrais (*Aufenthalt*) e Gerlinde Meschenmoser.

23 set 23 SÁBADO 21:00

GRANDE AUDITÓRIO

Schubertiade #4

Franz Schubert (1797-1828)

*Allegro em Lá menor, D. 947,
Lebensstürme*

Ignasi Cambra Piano

Maria João Pires Piano

*Impromptu em Si bemol maior,
D. 935 n.º 3, "Rosamunde"*

Maria João Pires Piano

Erstarrung (de Winterreise, D. 911)

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Ave Maria, D. 839

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Litanei auf das Fest Aller Seelen, D. 343

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Du bist die Ruh, D. 776

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

Moments musicaux, D. 780 (1-3)

Lilit Grigoryan Piano

1. *Moderato*

2. *Andantino*

3. *Allegro moderato*

Ave Maria, D. 839

Selma Uamusse Voz

Improvisação sobre o lied "A Truta"

Selma Uamusse Voz

Júlio Resende Piano

Bongani Ndodana-Breen (n. 1975)

Intlanzi Yase Mzantsi

Lilit Grigoryan Piano

Gyula Stuller Violino

Lou Yung-Hsin Chang Viola

Antonio Meneses Violoncelo

Domingos Ribeiro Contrabaixo

Franz Schubert

Quinteto com Piano em Lá maior,
D. 667, "A Truta"

Maria João Pires Piano

Gyula Stuller Violino

Lou Yung-Hsin Chang Viola

Antonio Meneses Violoncelo

Domingos Ribeiro Contrabaixo

1. *Allegro vivace*

2. *Andante*

3. *Scherzo: Presto*

4. *Tema e variações: Andantino*

5. *Finale: Allegro giusto*

Meeres Stille, D. 216

Thomas Humphreys Barítono

Maria João Pires Piano

INTERVALO

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 40 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Schubertiade #4

Para o último momento destas *Schubertiades*, a vigorosa truta, com escamas prateadas, dá os seus saltos no palco, como um símbolo da natureza e da eterna juventude. Porque na ilustre canção *Die Forelle*, sobre um poema do quase homónimo Christian Schubart, é exatamente o tumulto das primeiras emoções amorosas, muito para além da deliciosa cena bucólica, que Schubert capta. A vida fervilha nesta alegre liquidez e na melodia de uma falsa simplicidade, já que se trata, na realidade, de um *Kunstlied* extremamente requintado, para o qual o compositor se inspirou nos arredores campestres da cidade austríaca de Steyr. Muito rapidamente, o jovem Schubert – tinha apenas 22 anos – cedeu à pressão dos seus amigos, incluindo o famoso barítono Johann Vogl, para embarcar numa partitura mais ambiciosa. Seria o famoso Quinteto “A Truta”, com contrabaixo, que continua a ser um dos símbolos da música partilhada e cujos cinco movimentos, repletos de lirismo alegre, nos conduzem no labirinto das modulações schubertianas. É no quarto andamento que reaparece a melodia do *Lied*, que é então objeto de uma série de variações: depois de ter sido difratada entre os vários instrumentos e transposta para o modo menor, regressa à superfície, irisada com gotículas pianísticas, em toda a sua simplicidade radiante.

Popular entre todos, a melodia de “A Truta” foi objeto de várias citações, e até mesmo de uma canção-paródia de Francis Blanche retratando uma jovem obcecada pela “Truta de Schubert”. Maria João Pires

e todos os artistas envolvidos na aventura das *Schubertiades*, numa abordagem paralela à adotada por Dai Fujikura com a sua peça *Deconstructing Franz*, quiseram levar o peixe mais famoso da história da música muito para além das fronteiras da Europa. É portanto à África do Sul que nos conduz a música de Bongani Ndodana-Breen, cuja abordagem artística e humanista demonstra que todas as culturas podem apropriar-se de Schubert e incorporá-lo no seu próprio génio. Composta em 2006, *Intlanzi Yase Mzantsi* (“O Peixe da África do Sul”) fascina pelo seu misterioso início em *pizzicati*, depois pela sua polirritmia complexa e hipnótica: as entoações de África apropriam-se do tema de Schubert, que emerge, cristalino, no agudo do piano ou em vigorosos *tremolos* de cordas.

A poesia pianística conduz-nos no labirinto do *Impromptu* D. 935 n.º 3, que se desdobra como uma série de cinco variações, a última das quais é particularmente virtuosa, em torno de uma delicada canção de embalar cheia de graça infantil: a que Schubert também usa no segundo entreato da sua música de cena *Rosamunde*, bem como no movimento lento do seu Quarteto em Lá menor. Mais livres ainda, mais espontâneos do que os *Impromptus* são os *Momentos Musicais* mágicos: o primeiro apresenta um tema com graça ingénua, como uma melodia de pastor ecoada na mão esquerda e depois desaparecendo na melodia das pastagens da montanha; o segundo, apesar da sua ternura inefável, é mais doloroso, por vezes lamuriento com as suas notas de *barcarolle*; o terceiro, muito famoso,

baseia-se num tema caprichoso, com sabor popular e cor húngara, que a arte de Schubert faz saltar num baixo picado e transporta em suaves modulações. Por contraponto a estes instantâneos poéticos, o repertório a quatro mãos volta a ganhar um lugar de honra. Com efeito, podemos falar de uma “trilogia” tardia em Schubert, composta pela Fantasia D. 940, ouvida durante a *Schubertiade* anterior, o *Allegro* em Lá menor D. 947, *Lebensstürme*, e o *Rondó* em Lá maior D. 951. Moldado em forma de sonata, o *Lebensstürme* (“As Tempestades da Vida”) é uma página grandiosa, cujo clima apaixonado, cheio de grandeza épica, cede apenas a notas de melancolia pungente. O título eminentemente romântico, escolhido por uma editora, é indubitavelmente adequado a este piano sinfónico, cujo vigor rítmico e audácia harmónica testemunham uma procura de grandeza que não está espontaneamente associada a Schubert. Em perfeito contraste, antídoto ou contrapeso, o *Rondó* em Lá maior D. 951 impressiona pela sua serenidade radiante. Como se toda a paixão ou sofrimento tivesse sido agora superado,

Schubert encontra, na sua última obra a quatro mãos, o espírito dos *Lieder* mais primaveris de *A Bela Moleira*: desta página emerge um encanto onírico cuja paz sobrenatural nos faz pensar, por vezes, nas notas do último Mozart.

Como nas outras três *Schubertiades* do ciclo, as improvisações de Júlio Resende e Selma Uamusse oferecem um contraponto imaginativo às grandes partituras, assim como aos *Lieder*: tal como acontece nos recitais românticos como as *Cenas da vida de um inútil*, de Eichendorff, o contraste entre um desespero que roça o terror (o frenético *Erstarrung*) e a expressão de uma serenidade com notas religiosas (*Ave Maria*, *Litanei*) revela a riqueza da paleta schubertiana. Tudo isto, naturalmente, entre duas piruetas da truta, símbolo da natureza, convite renovado a refletir sobre a pessoa humana, bem como a *Schubertiade*, com a sua “genialidade social”, constitui uma meditação sobre os poderes da música e o significado da amizade.

FRÉDÉRIC SOUNAC

Intlanzi Yase Mzantsi O Peixe da África do Sul

Como compositor africano, tenho a sorte de habitar dois mundos: a tradição musical clássica e a herança, a linguagem e os costumes do meu povo, o AmaXhosa, profundamente enraizado no Cabo Oriental da África do Sul.

Quando Maria João Pires me pediu para compor uma curta peça baseada no Quinteto “A Truta”, de Schubert, a minha mente foi, desde logo, assaltada por traquinices: “Vamos raptar Schubert”, pensei. Vamos arrastá-lo para uma aldeia

fora do antigo posto colonial de Lady Frere, no bantustão de Transkei. Vamos deixar Herr Schubert conhecer as pessoas da aldeia, dançar uma *umxhentso*, beber *umqombhothi* (cerveja *sorghum*) em comunidade com Dlamini, Rhadebe e os outros anciãos. Façamo-lo ouvir as músicas e os mexericos das matriarcas da aldeia, MaDlamini e MaRhadebe, e, perto do fim, deixá-lo ver as despedidas agrídoces embutidas no folclore *Shosholozza*, quando os jovens homens da aldeia estão prestes a embarcar na longa viagem de comboio para Joanesburgo; onde, como *amagoduka* (trabalhadores migrantes recrutados), arriscarão as suas vidas nas profundezas da terra, escavando em busca do ouro.”

Intlanzi Yase Mzantsi pega no tema de *Die Forelle* (“A Truta”) e passa-o por uma trituradora. Este é usado em fragmentos para imitar a *uhadi Xhosa* (harpa em arco), como *ugwijo* (melodia de acompanhamento) para uma dança *umxhentso*, com as suas fortes (mas falsas) acentuações. É usada como *hoquetus* (algo que a África tem em comum com a música medieval europeia) e também como uma espécie de canção de trabalho de “chamada e resposta”. A verdadeira traquinice

acontece quando o tema “A Truta”, nas páginas finais da música, é embutido num contraponto africano em colcheias no piano, com as cordas irrompendo com a *Shosholozza*, a comovente mas resiliente canção dos trabalhadores migrantes Nguni que descrevem as poderosas locomotivas a vapor que os levaram para o suplício das minas em Joanesburgo.

Intlanzi Yase Mzantsi é uma peça curta, de uma série de peças que tenho vindo a escrever (como a recente *Apologia at Umzimvubu*) inspiradas pelo quotidiano Xhosa, vislumbrado a partir de *flashbacks* da minha infância. Para mim, estas peças representam uma realidade que testemunhei enquanto crescia e que penso não estar muito bem documentada. Visitei Lady Frere muitas vezes em criança porque a minha avó era ali proprietária de algumas terras. Lembro-me de ver as longas filas de homens a inscreverem-se como trabalhadores migrantes, mas também as faces, as danças, as canções e as cadências do dialeto dos aldeões. Permanecem comigo, embora eu esteja a escrever isto num outro ponto do planeta, longe desse lugar.

BONGANI NDODANA-BREEN

Franz Schubert

Erstarrung

Wilhelm Müller

Ich such' im Schnee vergebens
Nach ihrer Tritte Spur,
Wo sie an meinem Arme
Durchstrich die grüne Flur.

Ich will den Boden küssen,
Durchdringen Eis und Schnee
Mit meinen heißen Tränen,
Bis ich die Erde seh'.

Wo find' ich eine Blüte,
Wo find' ich grünes Gras?
Die Blumen sind erstorben
Der Rasen sieht so blaß.

Soll denn kein Angedenken
Ich nehmen mit von hier?
Wenn meine Schmerzen schweigen,
Wer sagt mir dann von ihr?

Mein Herz ist wie erstorben,
Kalt starrt ihr Bild darin;
Schmilzt je das Herz mir wieder,
Fließt auch ihr Bild dahin!

Ave Maria

Ave Maria! Jungfrau mild,
Erhöre einer Jungfrau Flehen,
Aus diesem Felsen starr und wild
Soll mein Gebet zu dir hinwehen.
Wir schlafen sicher bis zum Morgen,
Ob Menschen noch so grausam sind.
O Jungfrau, sieh der Jungfrau Sorgen,
O Mutter, hör ein bittend Kind!
Ave Maria!

Torpor

Em vão procuro na neve
Os vestígios dos seus passos,
Quando, pelo meu braço
Percorreu os prados verdes.

Quero beijar o chão,
Atravessar o gelo e a neve
Com as minhas lágrimas ardentes,
Até ver a terra.

Onde encontrarei uma flor,
Onde encontrarei uma erva verde?
As flores morreram
A relva está ressequida.

Não há então uma recordação
Que possa levar daqui?
Quando a minha dor se calar,
Quem me falará dela então?

O meu coração parece gelado,
Nela a sua imagem olha friamente;
Se o coração se me derreter de novo,
A sua imagem irá também na torrente!

Ave Maria

Ave Maria! Dócil donzela,
Escuta as preces de uma donzela,
Que destas rochas rígidas e selvagens
As minhas orações voem até a ti.
Podemos dormir em segurança sob a tua a protecção,
Mesmo que o homem ainda seja tão cruel.
Ó Virgem, vê as preocupações desta donzela!
Ó Mãe! Ouve uma criança que suplica!
Ave Maria!

Ave Maria! Unbefleckt!
Wenn wir auf diesen Fels hinsinken
Zum Schlaf, und uns dein Schutz bedeckt
Wird weich der harte Fels uns dünken.
Du lächelst, Rosendüfte wehen
In dieser dumpfen Felsenkluft,
O Mutter, höre Kindes Flehen,
O Jungfrau, eine Jungfrau ruft!
Ave Maria!

Ave Maria! Reine Magd!
Der Erde und der Luft Dämonen,
Von deines Auges Huld verjagt,
Sie können hier nicht bei uns wohnen,
Wir woll'n uns still dem Schicksal beugen,
Da uns dein heil'ger Trost anweht;
Der Jungfrau wolle hold dich neigen,
Dem Kind, das für den Vater fleht.
Ave Maria!

Litanei auf das Fest Aller Seelen

Johann Georg Jacobi

Ruhn in Frieden alle Seelen,
Die vollbracht ein banges Quälen,
Die vollendet süßen Traum,
Lebenssatt, gebohren kaum,
Aus der Welt hinüber schieden;
Alle Seelen ruhn in Frieden!
Die sich hier Gespielen suchten,
Oefter weinten, nimmer fluchten,
Wenn vor ihrer treuen Hand
Keiner je den Druck verstand;
Alle, die von hinnen schieden,
Alle Seelen ruhn in Frieden!
Liebevoller Mädchen Seelen,
Deren Thränen nicht zu zählen,
Die ein falscher Freund verließ,

Ave Maria! Imaculada!
Quando nos deitamos nesta rocha
Para dormir, e a tua proteção nos cobrir
A rocha dura parecer-nos-á macia.
Tu sorris, e as fragrâncias das rosas espalham-se
Nesta fenda da rocha escura,
Ó Mãe, ouve a súplica da criança,
Ó Virgem, uma donzela chama-te!
Ave Maria!

Ave Maria! Donzela pura!
Demónios da terra e do ar,
Pela graça do teu olhar afugentados,
Não podem habitar aqui connosco,
Entregar-nos-emos em silêncio ao destino,
Enquanto a tua consolação paira sobre nós;
Que a donzela se curve docemente perante ti,
Uma criança que roga pelo Pai.
Ave Maria!

Ladainha do Dia de Finados

Possam todas as almas descansar em paz,
Cujo angustiado tormento é passado,
Cujos abençoados sonhos terminaram,
Que, cansados da vida ou muito jovens,
Deixaram a vida na terra;
Possam as suas almas descansar em paz!
Os que aqui procuraram companheiros,
Muitas vezes choraram, nunca amaldiçoaram,
Quando perante a sua mão fiel
Ninguém entendia a pressão;
Todos os que deixaram a vida na terra,
Possam as suas almas descansar em paz!
As almas das doces jovens,
Cujas lágrimas não se contam,
Que um falso amigo deixou,

Und die blinde Welt verstieß;
Alle, die von hinnen schieden,
Alle Seelen ruhn in Frieden!
Und der Jüngling, dem verborgen,
Seine Braut am frühen Morgen,
Weil ihn Lieb' ins Grab gelegt,
Auf sein Grab die Kerze trägt;
Alle, die von hinnen schieden,
Alle Seelen ruhn in Frieden!
Alle Geister die, voll Klarheit,
Wurden Märtyrer der Wahrheit,
Kämpften für das Heiligthum,
Suchten nicht der Marter Ruhm;
Alle, die von hinnen schieden,
Alle Seelen ruhn in Frieden!
Und die nie der Sonne lachten,
Unterm Mond auf Dornen wachten,
Gott, im reinen Himmels-Licht,
Einst zu sehn von Angesicht:
Alle, die von hinnen schieden,
Alle Seelen ruhn in Frieden!
Und die gern im Rosen-Garten
Bey dem Freuden-Becher harrten;
Aber dann, zur bösen Zeit,
Schmeckten seine Bitterkeit;
Alle, die von hinnen schieden,
Alle Seelen ruhn in Frieden!
Auch, die keinen Frieden kannten,
Aber Muth und Stärke sandten
Ueber leichenvolles Feld
In die halb entschlafne Welt;
Alle, die von hinnen schieden,
Alle Seelen ruhn in Frieden!
Ruhn in Frieden alle Seelen,
Die vollbracht ein banges Quälen,
Die vollendet süßen Traum,
Lebenssatt, gebohren kaum,
Aus der Welt hinüber schieden:
Alle Seelen ruhn in Frieden!

E o mundo cego expulsou;
Todos os que deixaram a vida na terra,
Possam as suas almas descansar em paz!
E o jovem, a quem foi ocultado,
A sua noiva, de manhã cedo,
Por amor o pôs na sua sepultura,
Coloca a vela sobre o seu túmulo;
Todos os que deixaram a vida na terra,
Possam as suas almas descansar em paz!
Todos os espíritos que, cheios de clareza,
Se tornaram mártires da verdade,
Lutaram pelo santuário,
Não procuraram a glória da tortura;
Todos os que deixaram a vida na terra,
Possam as suas almas descansar em paz!
E aqueles que nunca sorriram à luz do sol,
E à noite velavam sobre uma cama de espinhos,
Possam eles um dia ver Deus face a face
Na pura luz do Céu:
Todos os que deixaram a vida na terra,
Possam as suas almas descansar em paz!
E os que gostavam de permanecer no roseiral,
Junto ao copo dos prazeres;
Mas depois, no tempo mau,
Provaram a sua amargura;
Todos os que deixaram a vida na terra,
Possam as suas almas descansar em paz!
Mesmo aqueles que não conheciam a paz,
Mas enviaram coragem e força
Sobre um campo cheio de cadáveres
Para o mundo meio adormecido;
Todos os que deixaram a vida na terra,
Possam as suas almas descansar em paz!
Possam todas as almas descansar em paz,
Cujo angustiado tormento é passado,
Cujos abençoados sonhos terminaram,
Que, cansados da vida ou muito jovens,
Deixaram a vida na terra:
Possam as suas almas descansar em paz!

Du bist die Ruh

Friedrich Rückert

Du bist die Ruh,
Der Friede mild,
Die Sehnsucht du,
Und was sie stillt.
Ich weihe dir
Voll Lust und Schmerz
Zur Wohnung hier
Mein Aug' und Herz.
Kehr' ein bei mir,
Und schliesse du
Still hinter dir
Die Pforten zu.
Treib andern Schmerz
Aus dieser Brust.
Voll sei dies Herz
Von deiner Lust.
Dies Augenzelt
Von deinem Glanz
Allein erhellt,
O füll' es ganz.

Meeres Stille

Johann Wolfgang von Goethe

Tiefe Stille herrscht im Wasser,
Ohne Regung ruht das Meer,
Und bekümmert sieht der Schiffer
Glatte Fläche rings umher.
Keine Luft von keiner Seite!
Todesstille fürchterlich!
In der ungeheueren Weite
Reget keine Welle sich.

Tu és a calma

Tu és a calma,
A paz repousante,
Tu és a saudade,
E o que ela suaviza.
Consagro-te,
Com alegria e dor,
Para neles habitares,
Os olhos e o coração.
Recolhe-te em mim
E fecha suavemente
Atrás de ti
A porta.
Afasta outras dores
Deste peito!
Que este coração fique repleto
Com a tua alegria.
O que os meus olhos veem
Seja só iluminado
Pelo teu clarão,
Oh, preenche-o totalmente!

Silêncio do Mar

Na água domina um silêncio profundo,
Sem movimento o mar descansa,
E o barqueiro, inquieto,
Vê lisura a toda a volta.
Aragem, de lado nenhum!
Silêncio de morte, assustador!
Na distância incomensurável
Não se mexe uma onda.

Traduções de Margarida Brito Correia (*Meeres Stille*), Maria Fernanda Cidrais (*Erstarrung; Du bist die Ruh*) e Linguamundi (*Ave Maria; Litanei auf das Fest Aller Seelen*).

Maria João Pires Nasceu em Lisboa em 1944. Tocou pela primeira vez em público aos quatro anos. Foi aluna de piano de Campos Coelho, tendo estudado também com Francine Benoît. Prosseguiu a sua formação musical na Alemanha, com Rosl Schmid e Karl Engel. Como solista de concerto e em recital, tornou-se na mais célebre pianista portuguesa de sempre e uma das artistas mais destacadas internacionalmente. Para além dos concertos, gravou para a editora Erato ao longo de quinze anos e para a Deutsche Gramophon durante vinte anos. Desde a década de 1970, tem-se dedicado a refletir sobre a influência da arte na vida, nas comunidades e na educação, tentando encontrar novas formas de afirmação desta linha de pensamento na sociedade. Procurou novas fórmulas que, respeitando o desenvolvimento dos indivíduos e das culturas, encorajam a partilha de ideias. Em 1999 criou o Centro Belgais para o Estudo das Artes em Portugal, lugar onde oferece regularmente *workshops* interdisciplinares para músicos profissionais e amadores, bem como concertos e gravações. No futuro, estes poderão ser partilhados com a comunidade digital internacional. Em 2012, na Bélgica, iniciou dois projetos complementares: os *Partitura Choirs*, um projeto de coros infantis destinado a crianças oriundas de ambientes socialmente desfavorecidos, como o *Hesperos Choir* e os *Partitura Workshops*. Todos estes projetos têm como objetivo criar uma dinâmica altruísta entre artistas de diferentes gerações, propondo uma alternativa a uma realidade demasiado focada na competitividade. Esta filosofia tem vindo a ser divulgada internacionalmente pelos projetos *Partitura*.

Gyula Stuller Nasceu em Budapeste no seio de uma família de músicos, tendo começado a estudar violino aos seis com Ilona Hencz. Diplomou-se pela Guildhall School of Music and Drama (na classe de György Pauk) e pela Academia Franz Liszt de Budapeste, onde estudou com Ferenc Halász. Apurou

posteriormente a sua formação com Nathan Milstein, Sándor Végh, Lóránt Fenyves e Tibor Varga. Premiado em vários concursos internacionais, incluindo o concurso Joseph Szigeti (Budapeste) e o concurso Rodolpho Lipize, em Gorizia (Itália), tornou-se assistente de Tibor Varga, em Sion, em 1986, na sequência do primeiro prémio conquistado no concurso que ostenta o nome do mestre húngaro. Em 1990 foi nomeado 1.º Violino solista da Orquestra de Câmara de Lausanne. Gyula Stuller é professor de violino desde 1996, tendo lecionado no Conservatório de Friburgo e no Conservatório Superior e Academia de Música Tibor Varga de Sion, na Suíça. Desde 2008, ensina na Escola Superior de Musica de Lausanne. Entre 2007 e 2014, foi diretor artístico da Academia Musical de Morges. Apresenta-se regularmente em concerto como solista e como músico de câmara

Lou Yung-Hsin Chang A violetista franco-taiwanesa Lou Yung-Hsin Chang é membro fundador do Quatuor Hermès. Diplomou-se pelo Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Lyon e pela Universidade das Artes de Berlim. Recebeu primeiros prémios no Concurso de Genebra (2011) e no Young Concert Artist (2012), em Nova Iorque, no seio do quarteto, apresentando-se também regularmente nos grandes palcos internacionais. O trabalho com prestigiados músicos e agrupamentos como Tasso Adamopoulos, Hartmut Rohde, Miguel da Silva, Quarteto Artemis, e Alfred Brendel foi determinante para a evolução da carreira de Chang. Partilhou o palco com, entre outros, Adrian Brendel, Philippe Cassard, os quartetos Ébène, Ardeo e Auryrn, Nicholas Angelich, Renaud Capuçon, Marie-Josèphe Jude, Anne Gastinel, Emmanuelle Bertrand, Adrien La Marca e Pierre Gémisson. Desde 2022, é também membro da Orchestre de la Garde Républicaine. Toca numa viola construída para si por Riccardo Bergonzi (Cremona, 2017) e com um arco Edwin Clément (Paris).

Antonio Meneses Nasceu em Recife, no Brasil. Começou a estudar violoncelo aos dez anos e aos dezasseis conheceu o violoncelista italiano Antonio Janigro, de quem foi aluno em Düsseldorf e Estugarda. Em 1977 venceu o Concurso Internacional ARD, em Munique, e em 1982 recebeu o 1.º Prémio e a Medalha de Ouro no Concurso Tchaikovsky, em Moscovo. Dedicado músico de câmara, Antonio Meneses foi membro do lendário Beaux Arts Trio durante dez anos (1998-2008). Colaborou também com o Quarteto Vermeer e apresentou-se em recitais com os pianistas Menahem Pressler e Maria João Pires. Realizou duas gravações com Herbert von Karajan e a Orquestra Filarmónica de Berlim – *Duplo Concerto* de Brahms, com Anne Sophie Mutter, e *Don Quixote* de R. Strauss (DG). Entre as suas gravações, destacam-se ainda as integrais das obras para violoncelo de H. Villa-Lobos (Auvidis France e Bis), David Popper e C. P. E Bach (Pan Records). Para a AVIE gravou, entre outras obras, as Suites para Violoncelo solo de J. S. Bach e um CD dedicado aos Concertos para Violoncelo de E. Elgar e H. Gál, com a Royal Northern Sinfonia e Claudio Cruz, que foi nomeado para os *Grammy* em 2013. A sua primeira gravação com Maria João Pires, *The Wigmore Hall Recital*, foi lançada em 2013 pela Deutsche Grammophon. Para além dos concertos, Antonio Meneses orienta regularmente *masterclasses* na Europa, nas Américas e no Japão e é professor no Conservatório de Berna desde 2008.

Domingos Ribeiro Natural de Macau, Domingos Ribeiro licenciou-se na Escola Superior de Música de Lisboa em 2013. Como bolseiro da Fundação Gulbenkian e da Fundación Albéniz, estudou na Escuela Superior de Música Reina Sofía (Madrid). Participou em vários estágios de orquestra para jovens, destacando-se a Orchestre de Jeunes de la Méditerranée e a European Union Youth Orchestra, tendo sido chefe de naipe em ambas. Colaborou com a Orquestra Sinfónica do Porto – Casa da

Música, a Orquestra Nacional de Espanha, a Orquestra do Festival de Budapeste, a Mahler Chamber Orchestra e a Metropolitana de Lisboa, entre outras, sob a direção de prestigiados maestros. Venceu a 1.ª edição do Concurso Vasco Barbosa (2015), tendo-se apresentado a solo no Centro Cultural de Belém, com a Camerata Atlântica, e gravado para a RTP – Antena 2. Em 2019 ganhou o 2.º Prémio e o Prémio do Público do Concurso de Interpretação do Estoril e participou no Festival “Verão Clássico”, tendo recebido o 1.º prémio atribuído pelo professor Jannes Saksala. É 1.º Solista da Orquestra Gulbenkian desde 2017. É docente na Escola Superior de Música de Lisboa desde 2019 e é regularmente convidado para orientar *masterclasses* e projetos de música de câmara.

Ignasi Cambra O pianista espanhol Ignasi Cambra apresentou-se no Carnegie Hall, no Kennedy Center, no Festival de Ravinia e no Teatro Mariinsky de São Petersburgo. Colaborador próximo de Maria João Pires, foi acompanhado pelas orquestras sinfónicas de Barcelona, Miami, Vancouver e do Teatro Mariinsky, sob a direção de maestros como Tsung Yeh, Eduardo Marturet, Josep Pons e Salvador Brotons. Ignasi Cambra apresentou-se na maior parte das grandes salas de concertos de Espanha. Foi também “artista em residência” na La Pedrera (Casa Milà), em Barcelona, e as suas prestações permitiram-lhe participar em prestigiados festivais como Peralada, Schubertiade de Vilabertràn e Quincena musical de San Sebastián. Aluno de Jerome Lowenthal e de Matti Raekallio na Juilliard School de Nova Iorque, diplomou-se também pela Indiana University, pela Royal Academy of Music de Londres e concluiu um Executive MBA na IESE Business School. Edward Auer, Menahem Pressler, Alexander Toradze e Rustem Hayroudinoff contam-se entre as suas maiores influências.

Ricardo Castro Em 1993, Ricardo Castro foi o primeiro artista latino-americano a receber o 1.º Prémio do Concurso Internacional de Piano de Leeds. Vinte anos depois, foi o primeiro brasileiro a ser nomeado membro honorário da Royal Philharmonic Society. Aos cinco anos foi excepcionalmente admitido na Escola de Música e Artes Cénicas da Universidade Federal da Bahia, onde foi aluno da professora Esther Cardoso (aluna de Marguerite Long). Aos dez anos foi acompanhado em concerto pela Orquestra Sinfónica da Universidade Federal da Bahia. Em 1984 ingressou no Conservatório Superior de Música de Genebra, onde estudou piano com Maria Tipo e direção com Arpad Gerecz. Diplomou-se pelo Conservatório de Genebra em 1987, com o *Premier Prix de Virtuosité*. Nesse mesmo ano, venceu *ex aequo* o Concurso Internacional ARD de Munique. Em 1988 foi laureado no Concurso Géza Anda. Completou os estudos de piano em Paris, com Dominique Merlet. Em 2003 iniciou a sua colaboração com Maria João Pires e em 2005 a Deutsche Grammophon lançou um CD do duo, *Résonance de l'Originaire*, com obras de Franz Schubert, a solo e a quatro mãos. Em 2007, a convite do Governo do Estado da Bahia, criou o NEOJIBA, projeto inspirado no *El Sistema* venezuelano, que beneficiou mais de 12000 crianças e adolescentes da Bahia. Desde 2020, integra o corpo docente da Haute École de Musique de Genève, onde dirige o departamento de instrumentos de tecla. Leciona igualmente na Scuola di Musica di Fiesole, em Itália, onde criou um curso de direção de orquestra a partir do teclado, em 2018.

Lilit Grigoryan Nasceu em Yerevan, na Arménia. Começou a estudar piano aos sete anos com Arkuhi Harutyunyan. Mais tarde, estudou com Sergey Sarajyan e Matthias Kirschnereit. Diplomou-se, com distinção, pela Hochschule für Musik und Theater Rostock. Entre 2012 e 2016, foi artista residente na academia Queen Elisabeth Music Chapel, na Bélgica, sob a orientação

de Maria João Pires. Recebeu vários prémios em concursos nacionais e internacionais e, ao longo dos seus estudos, recebeu o apoio das fundações Deutsche Stiftung Musikleben, Safran, Horst-Rahe e Keyboard Charitable Trust. Recebeu também uma bolsa de estudo da Yamaha Music Foundation of Europe e o Prémio de Piano Tabor da Academia de Verbier. Em 2008 recebeu, das mãos do Presidente da Arménia, o Prémio de Cultura. Foi também distinguida pelo município de Yerevan. É artista Yamaha desde março de 2023. Ensina e colabora artisticamente com a Hochschule für Musik und Theater Rostock. Como solista, Lilit Grigoryan é acompanhada por importantes orquestras e apresenta-se em prestigiados palcos e festivais em todo o mundo. No domínio da música de câmara, colabora com Maria João Pires, Viviany Hagner, Claudio Bohorquez e Valeriy Sokolov. O seu primeiro CD, com obras de Scarlatti, Schumann, Bartók e Khachaturian foi lançado em 2012 (DiscAuverS). Em 2017 e 2018, foram lançados dois álbuns de música de câmara, o primeiro com a violinista Sarah Christian (Genuin) e o segundo com a violetista Hiyoli Togawa (Naxos). Em 2022 foi lançado um novo CD (Genuin), com a violetista Karolina Errera.

Júlio Resende É um pianista e compositor português. Começou a tocar piano aos quatro anos e desde então considera o piano “o seu brinquedo favorito”. É um dos músicos portugueses mais reconhecidos em Portugal e no estrangeiro. As suas técnicas de improvisação são transversais à sua estética, abrangendo vários géneros musicais que vão do jazz ao fado e à música erudita – tem um dueto com Maria João Pires – e também a projetos de música eletrónica. É pioneiro de um género único denominado “Fado Jazz” e irá lançar no dia 13 de outubro de 2023 o seu décimo álbum, desta vez pela famosa etiqueta ACT Music (Júlio Resende – Fado Jazz – “Filhos da Revolução”), numa alusão à comemoração do cinquentenário do 25 de abril.

Thomas Humphreys O britânico Thomas Humphreys tem vindo a afirmar-se como um dos mais solicitados barítonos da sua geração. No domínio da ópera, interpretou o papel principal de *Don Giovanni*, além de Guglielmo (*Così fan tutte*), Escamillo (*Carmen*), Marcello (*La bohème*), Tomsy (*A Dama de Espadas*) e Jake Wallace (*La fanciulla del West*), entre outros personagens, para várias companhias de ópera no Reino Unido. Recentemente, recebeu elogiosas críticas pela interpretação do Conde de Almaviva (*As bodas de Figaro*), no Festival de Ópera de Dorset, sob a direção do maestro Jose-Miguel Esandi. É também muito solicitado como solista de concerto, tendo colaborado com a Royal Philharmonic Orchestra, a Sinfónica de Bournemouth, a English Symphony Orchestra e o City of London Choir, entre outros agrupamentos. Estreou-se recentemente no Royal Festival Hall, com os London Mozart Players. O seu repertório inclui o *Messias* (Händel), *Elias* (Mendelssohn), a *Paixão segundo São João* e a *Oratória de Natal* (Bach), *Um Requiem Alemão* (Brahms), os *Requiem* de Mozart, Verdi e Fauré, *A Criação* e a *Missa de Nelson* (Haydn) e *Five Mystical Songs* (Vaughan Williams). Os destaques recentes, em recital, incluem canções de Tchaikovsky e Rachmaninov em Moscovo e a participação no festival *Armonie della Magna Graecia*, em Itália. Numa transmissão em direto, cantou *Lieder* de Schubert para a Radio Varna, na Bulgária. Antes da pandemia interpretou, pela primeira vez, *Viagem de Inverno* de Schubert.

Selma Uamusse Nasceu em Moçambique, mas vive em Portugal desde 1988. Editou o seu álbum de estreia, *Mati*, em 2018. Amplamente elogiado pela crítica nacional, foi apresentado em diversos palcos nacionais e internacionais, numa digressão com mais de 60 concertos. O disco ouve-se como duas viagens simultâneas – uma geográfica, uma visita a Moçambique, onde a cantora se abastece de sons e partilha a sua identidade; e uma interior, num mapa espiritual que se vai descobrindo à medida que a música se

infiltra em quem ouve. Em 2020 lançou o seu segundo disco, *Livoningo*. Este é um disco que acentua uma africanidade que continua a inspirar letras e melodias, mas que se mistura em temas e arranjos, uns mais próximos da tradição do folclore, outros que vagueiam entre o eletrónico, o rock, o afro-beat e o experimental. Em nome próprio, Selma Uamusse é bem mais do que uma colagem das aventuras artísticas que viveu. A sua música é um manifesto pela harmonia ao que nos rodeia, um olhar positivo sobre o mundo. Uma forma de luta e de esperança por uma sociedade mais livre, com mais amor.

Quatuor Hermès A florescente carreira do Quatuor Hermès tem permitido a sua apresentação por todo o mundo. Nos E.U.A., o quarteto atuou no Kennedy Center (Washington DC), no Zankel Hall e no Carnegie Hall (Nova Iorque). A sua trajetória tem sido pontuada por encontros decisivos, incluindo os quartetos Ravel, Ysaÿe e Artemis, com os quais os quatro músicos se aperfeiçoaram, tendo também desenvolvido e partilhado a sua filosofia musical. Outras personalidades incluem Eberhard Feltz, em Berlim, e Alfred Brendel. O Quatuor Hermès recebeu numerosos prémios, incluindo “Revelação Musical do Ano” no *Prix de la Critique 2014-15* e o *Nordmetall Ensemble Preis 2013* no Festival de Mecklenburg-Vorpommern. Foram-lhe também atribuídos primeiros prémios no Concurso Internacional de Genebra (2011), no Concurso FNAPEC (2010), no Concurso Internacional de Música de Câmara de Lyon (2009) e nas *Young Concert Artists International Auditions*, em Nova Iorque. Entre 2012 e 2016, os quatro músicos foram artistas residentes na Queen Elisabeth Music Chapel. Desde 2015, têm sido apoiados pela Fondation d’Entreprise Banque Populaire e pela Fondation Singer-Polignac, em Paris. O recente CD, dedicado a duas grandes obras de Schubert, recebeu o aplauso da crítica internacional. Foram também distinguidas

gravações anteriores dos quartetos de Debussy, Ravel e Dutilleux, bem como uma integral dos quartetos de cordas de Schumann. Elise Liu toca um violino Carlo Tononi, por amável empréstimo da Talents & Violon'celles.

Laurie Chomel Nasceu em Castelnaudary e começou a dançar aos quatro anos. Estudou no Conservatório de Toulouse e na Escola Nacional Superior de Dança de Marselha, tendo concluído o seu percurso de formação na Escuela Bhakti de Victor Ullate, em Madrid. Em 2017 integrou a companhia De Dutch Junior Dance Division, em Haia, onde interpretou um vasto repertório. Posteriormente, integrou o corpo de bailado do Ballet Nacional da Croácia, em Split, tendo atuado como solista em muitas ocasiões. Finalmente, em 2021, decidiu instalar-se em Paris para poder trabalhar com várias companhias em projetos muito diversificados.

Lili Buvat Formou-se em dança jazz e obteve o *Diplôme d'Etat* de professora de dança em 2013. Trabalhou como bailarina de cabaret num navio de cruzeiro e esta experiência de digressão mundial despertou-a para as questões de classe, de género e de raça. Ingressou na Escola Superior do Centro Nacional de Dança Contemporânea de Angers, onde se diplomou em 2018. Criou um solo com espuma de barbear que questiona as normas ocidentais de beleza feminina associadas a modelos de higiene. Conheceu então os coreógrafos Philippe Decouflé e Dominique Boivin que encorajam o seu trabalho de criação. Em 2021 concluiu um mestrado de investigação em dança na Universidade de Paris VIII, tendo redigido *Reversements du regard*, um texto onde analisa como as obras pictóricas e cénicas podem perpetuar ou questionar as padrões de beleza femininos ocidentais associados a um ideal percebido como branco. *Porté disparu*, a sua primeira criação coreográfica, trata a ideia do lugar da bailarina. A montante desta criação, durante

uma residência de experimentação na Maison des Métallos, em 2022, conheceu o “slameur” Adiel, com quem se associou em janeiro de 2024 para a criação de um espetáculo. Como bailarina e intérprete, trabalha para diferentes artistas plásticos, coreógrafos, encenadores e músicos como Antonio Contador, Esmeralda Da Costa, Théo Mercier & Steven Michel, Jean-Jacques Sanchez, Thierry Escarmant, Eric Martin, Dominique Boivin, Pau Simon, Magdalene Asylum ou Laetitia Angot. Interessada pelos gestos de solidariedade, orientou ateliers de dança na prisão de Fleury Merogis.

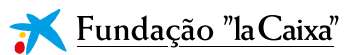
João Saraiva Criador, construtor e *performer* multidisciplinar, autodidata, João Saraiva desenvolve o seu manifesto artístico desde 1997. Ao longo do seu percurso, aprofundou conhecimentos nas disciplinas de movimento, imobilidade, *buthô* e técnica aplicada em andas. Nas suas criações tem tendência natural para trabalhar com terra, água, pedra, madeira e ferro, e preferencialmente elementos usados, velhos ou antigos. Em cena faz-se sempre acompanhar de uma forte transmissão de emoções, sendo este o veículo privilegiado entre o intérprete e o público.

Judite da Silva Gameiro “Nasci numa planície da Lusitânia e gritei bem alto a minha chegada à terra. Os elementos da natureza participaram no meu nascimento e vestiram-me de diversas formas artísticas. A minha busca é a origem da sombra que forma um refúgio para a luz casando matéria e som. O meu objetivo é levar-vos ao coração do poema. Ousar revelar o silêncio nas imagens da alma. Ousar oferecer-se ao mundo. Morrer em si mesma para abrir espaço para a obra. Que importa se sou homem ou mulher, negra ou branca, rica ou pobre, formada ou autodidata, nascida na terra ou no imaginário. Que importa! O essencial é o caminho que se desenha no palco aos olhos do público nesse encontro improvável.”

Jean-Jacques Sanchez Colaborou com várias companhias de dança contemporânea, em França e no estrangeiro. Criou coreografias e encenações para convenções empresariais, concertos, espetáculos de natureza histórica e cerimónias de abertura de eventos desportivos. Com a sua companhia, desenvolve trabalho de pesquisa e de exploração em dança, utilizando a composição coreográfica instantânea e procedimentos *in situ* que adaptam os seus espetáculos a todo o tipo de locais, enquadramentos arquitetónicos e configurações humanas, tendo criado assim mais de duas dezenas de trabalhos. Orienta *workshops*, ateliers de dança contemporânea e *masterclasses* destinados a amadores e profissionais, atores, bailarinos e artistas de circo, em diversos centros urbanos na

Europa, na China e no Brasil. É convidado com frequência pelo Ministério da Cultura Francês para constituir o júri das provas EAT. No domínio da imagem, realiza formação em realização e em escrita de roteiros no Institut National de l'Audiovisuel e na École de l'image des Gobelins. Realizou vários ensaios cinematográficos ligados aos seus trabalhos coreográficos no ambiente urbano, nomeadamente nas arquiteturas de Oscar Niemeyer. Orienta-se também para a escrita de ficção, trabalhando com atores ou com jovens amadores. Desde 2021, sempre impulsionado pelas correspondências entre a dança e a escrita, entre o gesto e as palavras, prossegue a elaboração de *RIDES – Un reflet du monde*, peça documental acompanhada por uma exposição de fotografias.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL

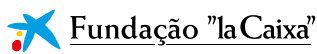


MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VASP DPS

Lisboa,
Setembro 2023

